

AÇÃO DIRETA

Diretor: SÔNIA OITICICA

Diretor-Fundador: JOSÉ OITICICA

Administrador: IDEAL PERES

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922
RIO DE JANEIRO

MENSÁRIO ANARQUISTA

Registro SI/P — 214 de 8-3-1946

AVULSO: CR\$ 2,00

Assinatura anual Cr\$ 50,00
Pacotes (12 exemplares) Cr\$ 20,00

«Tempo virá em que o nosso silêncio será mais poderoso que as nossas vozes, que hoje enforcam com a morte» — Spies; «Viva a anarquia!» — Fischer; «Hurrah, pela anarquia!» — Engel; «Deixai ouvir a voz do povo!» — Pearsons.

(Últimas palavras dos quatro mártires de Chicago).

1º de Maio

prol de mais largos horizontes de liberdade e de justiça social

O 1.º de Maio na opinião de José Oiticica

Esta data é um protesto. Não é, como o supõem muitos, a festa do trabalho. O trabalho vive escravizado e os escravos não costumam festejar sua escravidão.

Foi por ocasião do suplicio dos anarquistas executados nos Estados Unidos após os sucessos de Chicago, em 1886, que se criou, de ano em ano, o hábito de repetir-se, como protesto, a comemoração daquela nefanda represália burguesa. O primeiro de maio é, portanto, um grito subversivo, um clamor de multidão contra as tiranias de toda casta, tsarista ou republicana, jesuítica ou plutocrata, sob cujo aspecto se mascara o capitalismo desentranhado.

É um alerta de vedeta, o alarma dos vanguardeiros proletários, inconformados com o regime feroz da concorrência econômica e acanhadores de um porvir menos horrível neste vale de lágrimas.

Tendo repercutido fortemente nos quartéis capitalistas essa anual celeuma internacional e temendo os donos do mundo se abrissem rapidamente os olhos dos cegos, cuidaram logo de desvirtuar o sentido dessa data e inventaram a festa do trabalho. Mais ainda: fizeram-se patronos dessa festa. E é de ver a sofreguidão de todos eles, cada qual mais empenhado em concorrer para os festejos, com bandeirolas, discursinhas, charanga e foguetório.

A apostar em como vão alegrar os seus operários com sessão solene, doçaima e cerveja, vivas ao proletariado e espiche empático onde refulgem suas grandes generosidades patronais e amor a Deus, ao próximo e à pátria.

Enquanto isso, afrontando as relambórias frases dos doutores e industriais socialistas, nos comícios operários de todo o mundo reviverá esse caráter vindicativo do primeiro de maio. Mais uma vez, depois da guerra, e este ano, com certeza, redobradamente, estrugirá, na praça pública o brado ameaçador.

Por isso mesmo, tê-la-emos mais expressiva, mais clangorante, mais violenta no mundo inteiro.

Não é somente o grito de revolta proletário contra a espernejante reação capitalista. É o solene alto lá de todos os espíritos fraternistas contra a fúria imperialista desencadeada na civilização pelos instintos guerreiros e opressores descaimado na década passada.

É bem certo, pois, que os comícios proletários de amanhã, no Rio e alures, figurem não somente os operários acorrentes a reviver o rebate contra o martírio de Chicago, mas liberais de muitas cores, todos os cérebros e corações bem formados, cujo sentimentalismo se indigna com os processos de repressão medievais e inquisitoriais.

Mas aos próprios operários da vanguarda sobram atualmente motivos para incrementar a veemência do seu protesto.

O mundo já não tolera esses princípios sanguinários, esses métodos administrativos de rapina a força, esse banditismo disfarçado em nacionalismo ou defesa da ordem.

Os governos desmandam-se na repressão, conseguem desmortejar as massas, perturbar suas fileiras, destruir seus sindicatos e associações defensivas. Rejubiliam-se, mas em breve o júbilo desfaz-se, ao verem, por milagre do ânimo revolucionário, reorganizarem-se os núcleos combativos, fomentarem-se invisivelmente a campanha sistemática, sumirem-se pouco a pouco os esteios mais firmes às piloadas de uns arietes ocultos e poderosíssimos. Por isso, é lema histórico: as tiranias acabam sempre submergidas na revolução.

Todos os primeiros de maio são anúncios iterativos desse vasto movimento destruidor de tiranias.

O maior comício do Brasil foi o primeiro de maio de 1919, conseqüente às perseguições aurelianas de 1918. De 1924 a fins de 1926, a pretexto de prevenção governamental, serviu o estado de sítio para mover a polícia tenaz perseguição às agremiações operárias, caracteristicamente emancipadas e de resistência.

Não será pois, de estranhar o êxito dos futuros comícios nessa data. Não temos, nós todos brasileiros, muitos motivos de revolta?

(Artigo publicado na primeira caluna da primeira página do «Correio da Manhã», do Rio).

EUCLIDES DA CUNHA E O 1.º DE MAIO

Resumo do manifesto-programa elaborado pelo grande escritor Euclides da Cunha:

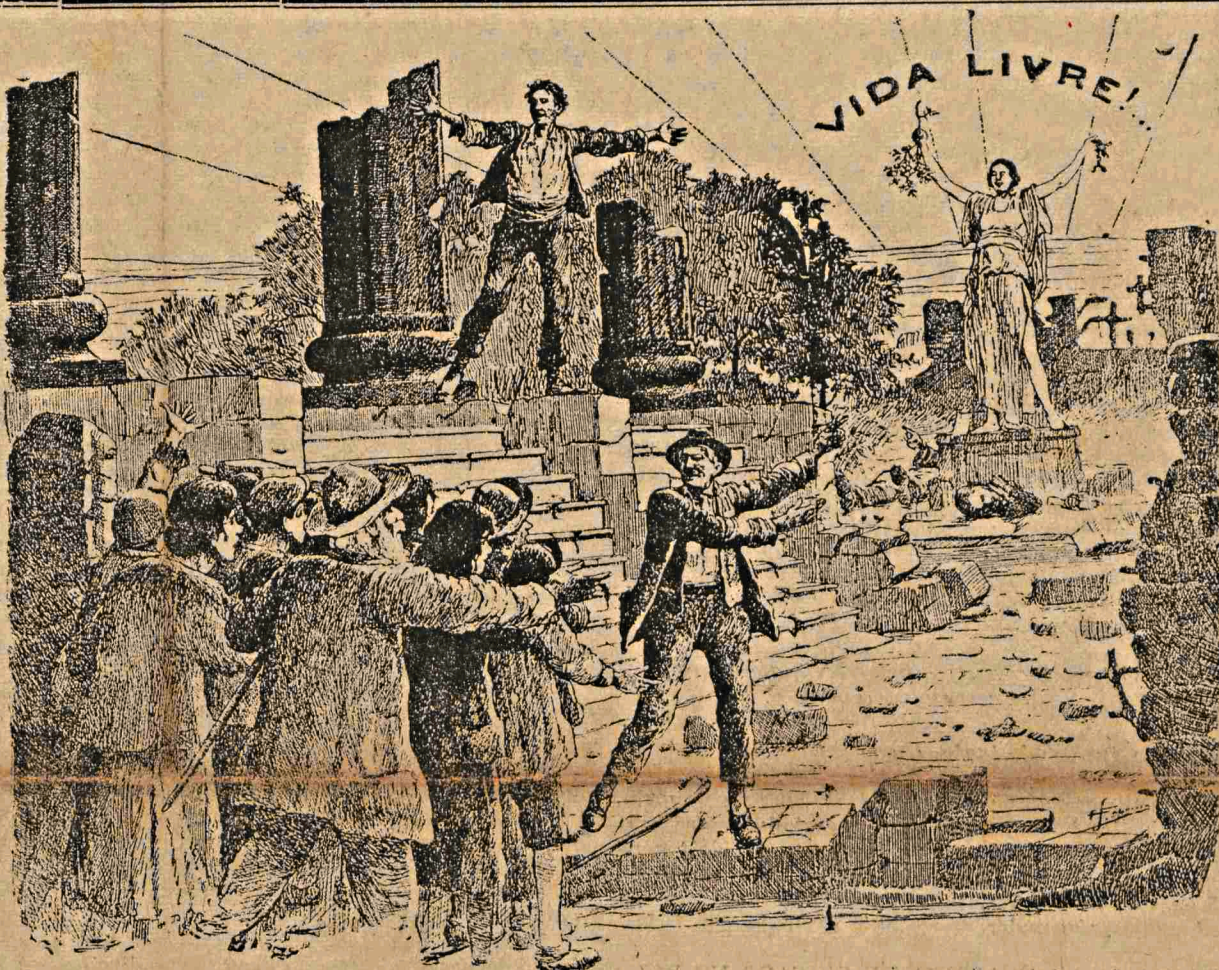
«A data de 1.º Maio foi adotada para a comemoração do trabalho pelo congresso Internacional Socialista em Paris, no ano de 1889 e confirmada pelos Congressos de Bruxelas e Zurique, em 1891 e 1893.

Festa exclusivamente popular, ela se destina a preparar o advento da mais nobre e fecunda das aspirações humanas: a reabilitação do proletariado pela exata distribuição da

justiça, cuja fórmula suprema consiste em dar a cada um o que cada um merece. Daí a abolição dos privilégios derivados quer do nascimento, quer da fortuna, quer da força.

Para esse fim é mister promover a solidariedade entre todos os que formam a imensa maioria dos oprimidos, sobre quem pesam as grandes injustiças das intuições e preconceitos sociais da atualidade, destinados a desaparecer, para que reine a paz e a felicidade entre os povos civilizados».

Não é uma data festiva. É um brado de protesto e uma afirmação de propósitos reivindicadores. É uma data que figura na história como um episódio epopéico das lutas em prol de mais largos horizontes de liberdade e de justiça social



Por uma vida livre da tirania, das misérias e das baixezas da sociedade capitalista — lutaram e morreram corajosamente os Mártires de Chicago. Por uma vida livre num mundo livre da opressão burguesa, onde haja bem-estar e liberdade para todos — devemos continuar lutando sem treguas — até a vitória.

O 1.º de Maio relembra um clamoroso crime social

Em ligação com a comemoração do 1.º de Maio, aparecem, nela interessados, governantes e políticos de todos os matizes. Organizaram-se manifestações cívicas e festividades várias para lembrar essa data proletária, que no calendário brasileiro figura como um feriado igual aos demais.

Entretanto, bem diversa é a significação do 1.º de Maio, pois os acontecimentos que lhe deram origem não justificam, de maneira alguma, o caráter festivo que se lhe quer emprestar. Ao contrário de uma festa, é uma data simbólica das aspirações da classe trabalhadora, uma comemoração afirmativa da vontade e da decisão do proletariado de reivindicar seus direitos espinhados.

PRIMEIRO DE MAIO COMO MARCO DE UMA GRANDE LUTA

A origem da comemoração do 1.º de Maio tem uma longa, agitada e dolorosa história, que se inicia por volta de 1832, quando, nos Estados Unidos, se verificou o primeiro movimento organizado para ser conseguida a regulamentação do horário de trabalho, que, em 1853, já se fixava em 11 e 10 horas. A partir daí, a campanha em prol da jornada de 8 horas se foi intensificando e desenvolvendo naquele país de maneira tal que, em 1860, empolgava o proletariado. Surgiram e fortaleceram-se as organizações obreiras, entre elas a Liga das 8 Horas e a Liga dos Cavaleiros do Trabalho, organizando-se, em 1870, a seção norte-americana da Associação Internacional dos Trabalhadores. As greves se multiplicaram por toda parte. Em Nova York 100.000 trabalhadores lançaram-se à luta e 40.000 em outros setores. Esse movimento grevista tornou-se incessante de 1876 a 1880. Uma após outra, as corporações operárias foram conseguindo a regalia reclamada, de forma que, em 1877, 2000 mil trabalhadores já a gozavam. Era preciso, porém, generalizá-la e a Associação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e do Canadá proclamou que a vitória somente poderia ser conseguida pela ação dos próprios trabalhadores organizados, resolvendo-se, num congresso proletário, realizado em 1884, que, em 1.º de Maio de 1886, se declararia a greve geral do proletariado dos Estados Unidos para a fixação definitiva da jornada de 8 horas.

Na data marcada, a greve irrompeu em tão gran-

des proporções, que as autoridades, pondo-se ao serviço do capitalismo, desencadearam furiosa reação, praticando toda sorte de violências contra os trabalhadores, com o intuito de fazê-los desistir de sua justa reivindicação. Entretanto, apesar de todas as brutalidades, o operariado prosseguiu na luta, marchando, de conquista em conquista, para a generalização da regalia reclamada.

O CAPITALISMO REAGE FEROZMENTE

Essa firmeza do proletariado acirrou o espírito reacionário dos dominantes da época, que redobram de violências. As manifestações dos trabalhadores foram dissolvidas brutalmente, tombando centenas de mortos e enchendo-se as prisões de grevistas. Entre as vítimas dessa feroz perseguição, se destacaram oito dos mais dedicados militantes libertários da época, que os governantes escolheram para serem sacrificados em holocausto à insaciável ganância da burguesia, pretendendo-se, com esse crime, amedrontar a classe trabalhadora e sujeitá-la pacientemente ao domínio de sua exploração. São estes os nomes dos gloriosos, batalhadores que passaram à história do martirólogo do proletariado com a designação de «Mártires de Chicago»: Augusto Theodore Spies, Adolfo Fischer, Jorge Engel, Alberto R. Parsons, Luis Lingg, Miguel Schwab, Oscar W. Neebe e Samuel Fielden.

A BURGUESIA FORJA O GRANDE CRIME JUDICIÁRIO

Monstruoso processo foi forjado contra esses inteligentes, cultos, honestos, laboriosos e abnegados lutadores do anarquismo. De toda a sorte de mentiras, de falsidades e de baixezas lançaram mão os dominadores de então. Essa injustiça provocou uma grande agitação em favor de suas vítimas. Sua inocência ficou absolutamente provada, mas tudo foi baldado. O capitalismo exigia o seu sacrifício e isso se fez. Cinco deles foram condenados à morte, sendo quatro enforcados, suicidando-se o quinto na prisão, para não entregar o pescoço ao carrasco. Três outros foram condenados à prisão perpétua. Durante o julgamento, de acusados que eram, passaram a acusadores, pronunciando discursos que causaram profunda impressão.

O 1.º DE MAIO RELEMBRA...

pela firmeza, serenidade, acerto e desassombro com que defenderam a causa da classe trabalhadora e o ideal anarquista.

No processo só conseguiram provar que os acusados tinham idéias anarquistas. Entretanto, apesar de ser conhecida a sua inocência, cinco deles (Engel, Pearsons, Lingg, Fischer e Spies) foram condenados à morte; Schwab e Fielden à prisão perpétua, e Neeb a 15 anos de reclusão.

CONSUMA-SE A GRANDE INFAMIA

Em 11 de Novembro de 1887, ao romper dos primeiros clarões da aurora, subiam os degraus do patíbulo, para serem enforcados, os inescutíveis libertários Alberto Parsons, Augusto Spies, Adolfo Fischer e George Engel, tendo-se suicidado na prisão, evitando assim o patíbulo, Luiz Lingg, que apertou com os dentes uma cápsula de fulminato, levada por pessoa de sua família.

A ATITUDE DAS FAMILIAS DAS VITIMAS

As famílias dessas vítimas de um clamoroso crime social souberam estar à altura da conduta de seus entes queridos. A mãe de Luiz Lingg escreveu-lhe: "Depois de tua morte continuarei tão orgulhosa de ti como estou hoje. Declaro, se eu fosse homem, teria feito o mesmo que tu". Sua tia também lhe escreveu: "Suceda o que suceder, não te mostres débil diante desses miseráveis". A esposa de Alberto Parsons, disse, no tribunal: "Se de mim depende que Alberto peça perdão, que o enforcuem".

UM CASO AMOROSO NA TRAGÉDIA

Uma jovem aristocrática americana foi atraída pelo clamor provocado pelo processo dos oito libertários e passou a frequentar o tribunal. Seguiu com interesse tudo quanto ali se passou. Despertou-lhe admiração a conduta corajosa, serena e consciente daqueles idealistas diante da morte próxima. E daí nasceu a afeição por um deles, Augusto Spies. Da simpatia surgiu o amor, um grande amor. Imagine-se o escândalo causado na alta sociedade de Chicago pelo procedimento dessa jovem aristocrática, tão cheia de riquezas como de beleza física e de predicados intelectuais! Respondendo às críticas que lhe faziam, disse: "Prefiro a censura desta sociedade, cuja moral não pode compreender um verdadeiro amor alimentado também pela afinidade de idéias e pela desgraça, a casar-me com algum velho vicioso e inválido possuidor de grandes riquezas, merecendo desses "moralistas" muitas felicitações".

TARDIO RECONHECIMENTO DO ERRO JUDICIÁRIO

Sete anos mais tarde, o governador do Estado de Illinois mandou proceder à revisão do processo, verificando-se, então, de maneira a provocar escândalo, que a justiça havia condenado e executado quatro inocentes e provocado o suicídio de outro. Os dois condenados à prisão perpétua e o que cumpria a pena de 15 anos de prisão foram postos em liberdade. Mas aos enforcados não puderam restituir a vida!

INCLUIU-SE A TRAGÉDIA DE CHICAGO NO ROL DOS CRIMES DO CAPITALISMO

Essa é, em largos traços, a história da mais pungente tragédia social da história, que outras ainda registra: os massacres da Comuna de Paris; o sacrifício de Francisco Ferrer e seus companheiros de martírio, na Espanha; de Sacco e Vanzetti, nos Estados Unidos; dos libertários que desde 1936 vêm sendo massacrados pelo falangismo de Franco, na Espanha; dos brasileiros atirados para as regiões pestíferas da Clevelandia, entre os quais figuraram os inescutíveis militantes anarquistas das lutas proletárias Pedro Mota, Nino Martins, Nicolau Parada, José Maria Fernandes Varela, José Alves do Nascimento, cujas ossadas jazem nas brenhas das matas amazônicas como um símbolo da maldade desta sociedade cheia de vícios e injustiças.

O PRIMEIRO DE MAIO CONSAGRADO UNIVERSALMENTE

Pois bem, foi para protestar contra todas as injustiças de que é vítima a classe proletária e proclamar o seu direito a uma vida feliz a que, com seu esforço faz jus, que, a partir da tragédia de Chicago, o 1.º de Maio vem sendo comemorado em todas as partes do mundo, pela classe trabalhadora.

Assim se resolveu num congresso obreiro realizado em Paris logo após aquele crime do capitalismo. Assim se decidiu em todos os congressos dos trabalhadores de todos os países, inclusive o Brasil, onde, nos congressos realizados em 1906, 1913 e 1920 pela Confederação Operária Brasileira, e nos quatro realizados pela Federação Operária de São Paulo no período de 1906 a 1935, o proletariado organizado se serviu dessa data para afirmar os seus direitos e seu propósito de lutar para os reivindicar.

E com esse caráter tem sido comemorado o 1.º de Maio, nem sempre pacificamente, pois os reacionários muitas vezes procuraram perturbá-lo com violências e perseguições, impedindo essa manifestação da consciência proletária. Quantas vezes, no Brasil, e, principalmente em São Paulo, as prisões não se encheram em consequência dessa comemoração, verificando-se as

invasões domiciliares, as brutalidades corporais, as deportações para regiões inóspitas e para o estrangeiro.

MISTIFICAÇÃO DO 1.º DE MAIO

E assim continuou o proletariado comemorando a sua data de acordo com sua verdadeira significação, até que, convencendo-se os dominantes que era impossível submetê-lo, resolveram consagrar o 1.º de Maio como feriado nacional, dedicado a festividades burocráticas, religiosas e oficiais, nas quais participam os amigos-ursos dos trabalhadores!

Essa obra mistificadora do movimento proletário deve servir de estímulo para que os trabalhadores continuem comemorando o 1.º de Maio como a data na qual, em manifestação universal, a classe trabalhadora lança o seu protesto contra a vida de penúrias a que está submetida e proclama o seu legítimo direito, como fatora que é dos bens sociais, a uma situação que lhe assegure, pelo menos, habitação higiênica, alimentação que não seja de meia razão, instrução para os filhos e assistência, livre da humilhação da caridade.

URGE REIVINDICAR O VERADEIRO CARÁTER DO 1.º DE MAIO

E hoje, mais do que nunca, o pronunciamento consciente do proletariado se torna indispensável.

A situação da massa trabalhadora do Brasil é cada vez mais calamitosa. Desde os seringais da Amazônia até os pampas sulinos, a maioria dos brasileiros, desnutrida pela subalimentação, mal vestida e quase sempre descalça, roída em sua saúde por toda a sorte de endemias, sem nenhuma assistência, mantida na ignorância e privada de qualquer meio de recreação, toda essa multidão sofridora, vive a mourejar penosamente nas terras de cultivo, nos campos de criação, nos centros industriais, no comércio, nas galerias do subsolo e no mar, em toda parte em todos os mistérios, para enriquecer e manter na opulência uma pequena classe de abastados.

Enquanto os tubarões das finanças, das indústrias, do comércio e da burocracia acumulam fortunas colossais à custa do câmbio-negro e de negociações de toda espécie, explorando a situação tormentosa criada pela guerra, o povo vê a miséria rondar-lhe a porta, em consequência do encarecimento incrível do custo da vida.

Dizem que foram taxados os lucros extraordinários revelados, mas os exploradores da miséria do povo continuam acumulando grandes fortunas; aumentaram-se os salários de certas categorias de trabalhadores, mas os capitalistas fizeram recair esse aumento, multiplicado, sobre os preços das mercadorias, tudo encarecendo em proporções inacreditáveis. As condições da vida do povo trabalhador vão-se tornando, assim, de dia para dia, mais penosas, verdadeiramente assustadoras.

Certamente, não haverá trabalhador algum que considere normal essa situação, que possa achar justo semelhante estado de coisas. Todos estão, justamente, descontentes, desejando uma mudança urgente nas condições de vida, de maneira que, cada qual, com o ganho de seu trabalho, possa viver uma vida decente, livre dos tormentos de hoje.

Mas, para que isso seja conseguido é preciso que o povo se pronuncie, proclamando seus direitos e não esperar que a solução de seus problemas venha daqueles que têm interesses opostos aos seus e que precisam que as coisas continuem como estão para enriquecerem mais ainda.

Os trabalhadores também não poderão esperar nada dos políticos, que só se lembram de quem trabalha quando precisam de seus votos para subirem aos postos parlamentares ou governamentais. O proletariado não se deve esquecer de que a emancipação dos trabalhadores só poderá ser obra dos próprios trabalhadores, não confiando sua causa a chefes, a líderes, a mentores, pertencem a que partido pertencerem, pois todos o que querem é dominar. Os trabalhadores devem confiar unicamente em sua própria ação, organizando-se fortemente, mas fazendo com que os seus sindicatos sejam verdadeiramente seus, livres de políticos, do burocratismo parasitário e de toda e qualquer influência estranha no meio proletário. "Façamos nós por nossas mãos tudo o que nos diz respeito" diz-nos o hino glorioso do proletariado internacional.

Ninguém pode hesitar ante esta verdade irrecusável: a origem da inquietação, da insegurança, das penúrias e das misérias a que está sujeito o povo brasileiro está no monopólio e no manejo pela classe privilegiada, de todos os bens sociais produzidos direta e efetivamente pelos trabalhadores que, no entanto, constituem a classe pobre, sujeita a todas as agruras da escassez do que é mais essencial à vida.

Evidencia-se, conseqüentemente, que a única solução para o problema político-social brasileiro será pôr fim ao regime de privilégios de hoje e organizar a vida brasileira de maneira que a produção e a distribuição para o consumo sejam feitas para satisfazer as necessidades da coletividade e não para atender às ambições da minoria de exploradores que vivem a acumular fortunas à custa do sacrifício do povo trabalhador, cada vez mais atormentado pela miséria que está invadindo todos os lares.

Comemoremos, pois, o Primeiro de Maio com a decisão de enfrentarmos a situação que nos atormenta hoje, procurando, nós mesmos, as soluções adequadas e preparando-nos para uma vida social onde, desaparecendo a miséria e a opressão, haja bem-estar e liberdade para todos.

FÁTIMA — UM CONTO DO VIGÁRIO

«Morreu em Portugal o cônego Manuel Nunes Formigão, o historiador das visões de Fátima, o homem que dirigiu as investigações e o interrogatório dos três pequenos pastores que revelaram a mensagem de N. S. de Fátima, em 1917.

— Por outras palavras, morreu o inventor de um dos dois maiores contos do século 20 (o outro é o socialismo na Rússia). Dos três pequenos pastores, protagonistas forçados da farsa da Cova da Iria, dois

chamou-os, pouco depois desta, Deus N. S. (por intermédio dos seus representantes na terra, claro) para o céu, com medo de que dessem com a língua nos dentes; e a terceira, a garota, foi internada num convento de Espanha, onde só pode ser visitada com autorização do Santo Padre (se é que não foi também já enviada pa-

ra o Paraíso). O bispo de Leiria, principal sócio comanditário da Empresa Milagreira da Cova da Iria, morreu também, há pouco, depois de passar vinte anos entevado, sobre um leito-de-rodas. Podre de dinheiro (à custa da santa) e podre e ácido úrico (à custa da carne). A Senhora de Fátima, que, de acordo com a propaganda da empresa, esbanjava milagres por toda parte, sempre se negou a fazer-lhe o milagre de devolver-lhe a saúde e os movimentos,



Sobre os escombros da sociedade injusta de hoje — é preciso desfraldar a bandeira da libertação socialista-libertária

Nós, os anarquistas, combatemos as instituições tais como o Estado, a Igreja, o militarismo, a política, a burocracia, etc que formam no conjunto o sistema capitalista, porque são inúteis e nocivas à sociedade. Nosso mais ardente desejo é que os trabalhadores saibam quem são seus verdadeiros inimigos, e estes são todos os que consomem sem nada produzir.

Maio Proletário

PEDRO CATALLO

O Maio venturoso, ó Grande Dia!
O teu ardente sol é a alegria
Que arpeja nos corações doridos
Da multidão, que espalha os seus gemidos
Na tortuosa e negra escravidão
E na cruenta luta pela rendição.
Saúdo em ti, ó Maio promissor!
A heroica e sublime proletária dor.

Qual flâmula que ao vento esvoaça,
Brilha assim na escuridão que passa,
De odios, de rancor, de guerra e matanças.
Saúdam-te, ó Maio! as crianças,
Os velhos, a mãe que chora, o proletário,
O artista, o professor, o visionário,
A juventude ardente onde viceja
A liberdade que a humanidade almeja.

Saúdam-te os povos subjugados
Pela tirania de monstros, renegados,
Trânsfugas da vida, da vida vendilhões
Que aos homens livres deram-lhes grilhões,
Pensando aprisionar o pensamento.
Mas, já a revolta rugiu o seu lamento,
A tempestade rui a cidadela,
Da liberdade sente-se a procela.

Ó Maio proletário e de esperanças,
O teu hino é um poema de lembranças!
Da histórica missão de quem trabalha
Es a ráfaga de luz que espalha
O mirífico ideal que rumoreja
Na esplendorosa aurora da peleja.
Es a primavera da vida que se apresta
Trazer aos povos sua grande festa.

Salve, Maio! Símbolo que traz
A rendição humana de justiça e paz!
Foste tú do oprimido a fala,
Libertaste o negro da senzala
E da senzala recolheste o grito
Do escravo vil, acorrentado e aflito,
E na dolorosa senda proletária
Foste tú que iluminaste o pário.

Bu te saúdo, Maio! Aspiração e luz!
Saúdo o martir e o povo que produz,
Saúdo o pário, a orfandade aflita,
A jovem esposa onde palpita
A esperança de um porvir melhor.
Ouviste de Maio o épico clangor?
Da sociedade velha e agonizante
Surgirá uma nova e livre. AVANTE!

Atitude Viril dos Mártires de Chicago

PERANTE A JUSTIÇA BURGUESA, DE ACUSADOS PASSARAM A ACUSADORES DAS PODRIDÕES DA SOCIEDADE CAPITALISTA



Augusto Vicente Theodoro Spies, natural de Landeck, Hesse.

«Ao dirigir-me a este tribunal, faço-o como representante de uma classe ante os de outra classe inimiga e começarei com as mesmas palavras que um personagem veneziano pronunciou há cinco séculos ante o Conselho dos Dez, em ocasião semelhante: «Minha defesa é a vossa acusação; meus pretensos crimes são a vossa história!» Acusam-me de cumplicidade num assassinato e condenam-me, apesar de o ministério público não apresentar prova alguma de que eu sequer conheça quem lançou a bomba, e que em tal fato tenha tido intervenção alguma.

«Se eu tivesse, lançado a bomba ou tivesse sido a causa de que se lançara, ou ainda, tivesse sabido algo sobre isso, não vacilaria em afirmá-lo aqui.

Acusais-me de não ser cidadão deste país. Resido aqui há tanto tempo quanto Grinell. Eu sou tão bom cidadão como ele, pelo menos, ainda que não quisera ser comparado com tal personagem. Grinell apelou, sem necessidade, para o patriotismo dos jurados e eu vou responder-lhe com as palavras de um diplomata inglês: «O patriotismo é o último refúgio dos infames».

Que dissemos em nossos discursos e em nossos escritos? Explicamos ao povo suas condições e relações sociais; fizemos-lhe ver os fenômenos sociais e as circunstâncias e leis sob as quais se desenvolvem; por intermédio da investigação científica, provamos até à saciedade que o sistema do salário é a causa de todas as iniquidades sociais. Além disso, dissemos que o sistema do salário, como forma específica do desenvolvimento social, terá de dar lugar, por necessidade ideológica, a formas mais elevadas de civilização, que prepararão o caminho para a formação de um sistema cooperativo universal, baseado no socialismo.

Dissemos que esta ou aquela teoria, este ou aquele projeto de melhoramento futuro não eram matéria de eleição, senão necessidade histórica e que, para nós, a tendência do progresso era a do anarquismo, isto é a de uma sociedade livre, sem classes nem governantes, em que a liberdade e a igualdade econômica de todos produzirá um equilíbrio estável, como base e condição de ordem natural. Grinell repetiu por várias vezes que é a anarquia que se trata de subjugar. Pois bem: a teoria anarquista pertence à filosofia especulativa. Da anarquia nada se falou no comício de Haymarket. Nesse comício só se tratou da redução das horas de trabalho. Mas insistis. E' a anarquia que aqui se julga! Se assim é, eu me sentecio: sou anarquista!»

FIELDEN

Samuel Fielden fez um discurso protestando contra o fato de o julgarem delinquente por professar as idéias anarquistas, reivindicando o direito natural de pensar livremente, terminando com estas palavras:

«Se quereis a minha vida por invocar os princípios do socialismo e da anarquia, como eu entendo, e creio honradamente que os invoquei em favor da humanidade, dou-a contente, e cheio que o preço é insignificante ante os resultados grandiosos do nosso sacrifício».

ENGEL

Destacamos o trecho mais importante da defesa de George Engel: «E' a primeira vez que compareço perante um tribunal americano que me acusa de assassino. Em que consiste o meu crime? Em ter trabalhado pelo estabelecimento de um sistema social no qual seja impossível que, enquanto uns amontoam milhões, outros vivam na miséria. Assim como o ar e a água são livres para todos, a terra e as invenções devem ser utilizadas em benefício de todos. Desprezo o poder do Estado iníquo, seus policiais e seus espíões».



FISCHER



Adolfo Fischer diz que falará pouco, e lança contra seus algozes as seguintes palavras proféticas: «Somente tenho que protestar contra a pena de morte que me impões como assassino. Mas se hei de ser enforcado por professar as idéias anarquistas por meu amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade, então não tenho inconveniente, digo-o bem alto: podeis dispor de minha vida! Se credes que com este bárbaro veredito aniquilais os anarquistas e a anarquia, cometeis um erro, porque os anarquistas estão dispostos a morrer sempre pelos seus princípios e estes são imortais. Este veredito é um golpe de morte dado na liberdade de imprensa, de pensamento e de palavra neste país. O povo tomará nota».

SCHWAB

A defesa de Miguel Schwab foi menos extensa, mas as suas palavras bastam para dizer o que sentia com inteira firmeza:

«Dizeis que a anarquia está condenada. No entanto, a anarquia é uma doutrina hostil à força bruta e oposta ao atual e criminoso sistema de produção e distribuição da riqueza».

Não há nenhum segredo na nossa propaganda. Anunciamos uma mudança no sistema de produção de todos os países industriais do mundo e essa mudança aproxima-se, não pode deixar de chegar.

Que é a anarquia? E' um estado social em que todos os seres humanos poderão fazer o bem pela simples razão de que é o bem e repudiar o mal porque é o mal. Em uma sociedade assim constituída, não são necessários o Estado e suas leis. «A anarquia morreu», disse o procurador geral. A anarquia até hoje só existe como doutrina e o senhor Grinell não tem poder para matar qualquer doutrina. A anarquia é hoje uma aspiração, mas uma aspiração que se realizará, não sei quando, mas que se realizará indubitavelmente.

E' um erro empregar a palavra anarquia como sinônimo de violência, pois são coisas opostas.

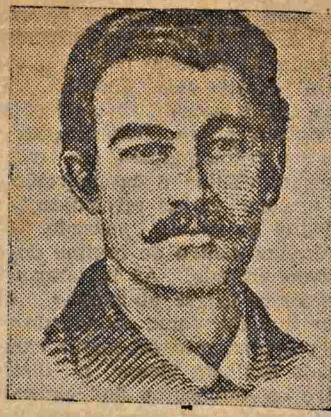
A anarquia é a ordem sem governo. Nós, os anarquistas, cremos que se avizinham os tempos em que os explorados reclamarão os seus direitos aos exploradores e cremos ainda que a maioria do povo, os trabalhadores das cidades e dos campos, se rebelarão contra a burguesia de hoje. A luta, em nossa opinião, é inevitável.

NEEBE

Oscar W. Neebe relata, em seu discurso, os últimos sucessos de maio e prossegue: «Durante os últimos dias, pude aprender o que é a lei, pois antes não o sabia. Presidi um comício em Turnes Hall, para o qual fosteis convidados, a fim de discutir o socialismo anárquico. Porque não apareceram os representantes do atual sistema capitalista, para discutir com os obreiros suas aspirações?» E termina o seu discurso, dizendo: «Eu vos suplico: deixai-me participar da sorte de meus companheiros! Enforcai-me com eles!».

LINGG

Último discurso de Luiz Lingg: «Concedei-me, depois de condenar-me à morte, a liberdade de pronunciar um último discurso. Não, não é por um crime que me condenais à morte, é pela anarquia e posto que é pelos nossos princípios, eu grito sem temor: sou anarquista! Acusais-me de desprezar a lei e a ordem. E que significam a lei e a ordem? Seus representantes são os policiais e entre eles existem muitos ladrões. Aqui, senta-se o capitão Leback e ele confessou-me que meu chapéu e meus livros tinham desaparecido, subtraídos pelos policiais. Eis aí vossos defensores do direito de propriedade». E termina dizendo: «Desprezo-vos, desprezo vossa ordem, vossa lei, vossa força, vossa autoridade! Enforcai-me!».



Alberto R. Pearsons falou durante 8 horas perante o tribunal. Quando terminou sua admirável defesa, estava exausto. O júri não lhe tinha concedido sequer um minuto de descanso. Eis alguns trechos de sua defesa:

«Vosso veredito é o veredito da paixão, gerado pela paixão, alimentado pela paixão e realizado, enfim, pela paixão. E que é a paixão? E' a suspensão da razão, dos elementos de discernimento, de reflexão e de justiça necessários para chegar ao conhecimento da verdade. Este processo iniciou-se e organizou-se contra nós inspirado pelos capitalistas, pelos que creem que os trabalhadores não têm mais que um direito: o da obediência. Eles guiaram este processo até este momento e, como muito bem disse Fielden, acusam-nos ostensivamente de assassinos e condenam-nos como anarquistas. Pois bem: sou anarquista! Mais adiante diz: «O socialismo convida o povo para que discuta, examine, investigue e conheça todos os fatos sociais que produzem a miséria, a fome, a ignorância e o crime. Nós desejamos que todas as forças da natureza, que todas as forças sociais, que essa força gigantesca produto do trabalho e da inteligência das gerações passadas, sejam postas à disposição do homem, submetidas ao homem para sempre. Este e não outro é o objetivo do anarquismo».

A prova de que não tinha plano algum de violência quando compareceu ao comício de Haymarket, pois fora à última hora convidado por alguns amigos, é o fato de ter levado consigo sua filha Holmes e seus dois filhos. Ele mesmo o diz:

«E agora pergunto: é possível que em tais circunstâncias e condições acudisse a um lugar onde tivesse premeditado um «complot» para lançar bombas de dinamite? Isso é incrível! Está fora da natureza humana crer na possibilidade de um ato tão monstruoso».

FINALIDADES DO ANARQUISMO

Que a liberdade como meio e como fim constitui a essência das idéias anarquistas.

Que o Estado, o poder organizado da coação e repressão, apoiado na desumana premissa da incapacidade e desprezo do indivíduo, o Estado repetimos, é o primeiro obstáculo oposto à plena realização da liberdade e da justiça.

Que os conceitos de organização e administração das entidades e interesses sociais nada têm de comum com a capacidade do Estado de poder organizar e administrar.

Que o Estado é tão somente o defensor dos privilégios de classe, alheio à equidade e principal fator do desajuste social.

Que não existe organização social possível sem o implícito reconhecimento da soberania coletiva.

Que essa valorização do indivíduo tem sua transcendência lógica na autonomia de todos os núcleos sociais entre si.

Que o pacto livre e a federação voluntária condicionado pelo mútuo consentimento e pelas necessidades, devem constituir o elemento de toda organização coletiva.

Que não existe livre associação nem soberania popular se todos os movimentos não forem orientados do simples ao complexo, do indivíduo à sociedade de baixo acima, substituindo a arbitrariedade autoerótica pela necessidade comum, o mando discricionário pelo mandato condicionado, o poder ilimitado pela gestão definida.

Que esses nobres objetivos só podem conseguir-se procedendo-se com táticas concordes com os princípios.

Que um comportamento anarquista na ordem individual e uma prática federalista no plano orgânico, são condições para imprimir efetiva influência no meio social destinado a transformar-se.

Que todos os desvios definitivos e providenciais tendem automaticamente a desvirtuar os princípios, afastando-se das finalidades.

Que o anarquismo não pode ceder a veleidades oportunistas sem entrar em colisão com os motivos substanciais de sua existência e razão de ser histórica.

«Acaba de falecer em Paris a jovem professora Bernardete Xavier Gomes, que, desiludida da medicina, fôra à gruta de Lurdes solicitar da Virgem remédio para o câncer de que vinha sofrendo e do qual, até dias antes da morte, se supunha miraculosamente curada».

«O milagre é um golpe-de-estado vibrado por Deus nas suas próprias leis, e a prece não passa de um voto de desconfiança contra Deus, pois supõe que este, inábil, despreciente ou injusto, pode ter-se esquecido dos seus deveres ou ter cometido falhas no exercício das suas funções de Providência, não vendo, não querendo, ou não sabendo remediar os males do mundo, e necessitando, por isso, que as criaturas lhe chamem a atenção, por meio de orações, para os seus erros, ou se sirvam dos pistolões dos santos, a quem subornam acenando-lhes com promessas de dinheiro, para que os beneficiem nos negócios terrenos».

Semeando Idéias

Desnecessário é recordar que a Igreja e o Estado foram, através dos tempos, a força política a que as classes privilegiadas, logo no nascedouro da sua formação, recorreram para firmarem sólidamente a sua organização como classes, definitivamente estabelecidas, armadas, pela crença e pela lei, de todos os poderes para o exercício de seus privilégios sobre os demais homens. O Estado foi a instituição que melhor serviu para fundar esse seguro mútuo que lhes garantia o uso e o gozo desse direito.

Pedro Kropotkine

Primeiro de Maio

Original italiano de Pedro Gori, para ser cantado com a aria do coro da ópera Nabucodonozor, de Verdi. Tradução de Neno Vasco.

Vem, ó Maio, saudar-te os povos,
em ti colhem viril confiança,
vem trazer-nos cerúlea bonança,
vem, ó Maio, trazer-nos dias novos!

Vibre o hino de esperanças aladas
ao grão verde que o fruto madura,
à capina onde a messe futura
já floriu sobre as negras queimadas!

Desertai, ó falanjes de escravos,
da lavoura, da negra officina;
um momento de tregua é fachaína,
ó abelhas, roubadas aos favos!

Bis

Levantemos as mãos doloridas,
e formemos um feixe fecundo:
nós queremos remir este mundo
dos senhores da terra e das vidas!

Sofrimentos, ideais, juventudes,
primaveras de túbido arcano,
verde Maio do gênero humano,
dai coragem aos ânimos rudes!

Emplorai ao rebelde caído,
com olhos fixos no nascente,
ao obreiro que luta fremente,
ao poeta gentil, esvaído.

A INTERNACIONAL

A pé! ó vítimas da fome!
A pé! famélicos da Terra!
A ígnea Razão ruje e consome
a crosta bruta que a soterra!
Cortai o mal bem pelo fundo!
A pé! a pé! não mais senhores!
Se nada somos em tal mundo,
sejamos tudo, ó produtores!

Bem unidos, façamos,
nesta luta final,
duma Terra sem amos
a Internacional!

Messias, Deus, chefes supremos,
nada esperemos de nenhum!
Sejamos nós que conquistemos
a Terra mãe livre e comum!
Para não ter mais protestos vãos,
para sair d'este antro estreito,
façamos nós, por nossas mãos,
tudo o que a nós nos diz respeito!

Bem unidos, etc.

Crime de rico a lei o cobre,
o Estado esmaga ao oprimido;
não ha direitos para o pobre,
ao rico tudo é permitido.
À opressão não mais sujeitos!
Somos iguais todos os seres:
não mais deveres sem direitos,
não mais direitos sem deveres!

Bem unidos, etc.

Abomináveis na grandeza,
os reis da mina e da fornalha
edificaram a riqueza
sobre o suor de quem trabalha.
Todo o produto de quem sua.
a corja rica o recolheu;
querendo que ela o restituía,
o povo só quer o que é seu.

Bem unidos, etc.

Fomos de fumo embriagados!
Paz entre nós, guerra aos senhores!
Façamos greve de soldados;
somos irmãos, trabalhadores.
Se a raça vil e cheia de galas,
nos quer à força canibais,
logo verá que as nossas balas
são para os nossos generais.

Bem unidos, etc.

Somos o povo dos ativos,
trabalhador, forte e fecundo;
pertence a Terra aos produtivos,
ó parasita, deixa o mundo!
O' parasita, que te nutres
do nosso sangue a gotejar,
se nos faltarem os abutres,
não deixa o sol de fulgurar.

Bem unidos, façamos,
nesta luta final,
duma Terra sem amos
a Internacional!

QUE PODEMOS ESPERAR DO MOVIMENTO SOCIAL ?

AGUSTIN SOUCHY

No movimento social existem, desde sua origem, duas tendências: uma acena aos trabalhadores a fim de que realizem sua emancipação através da sua intervenção e da sua ação direta coletiva; a outra pede ao povo seus votos em favor dos candidatos socialistas para que estes transformem, por vias parlamentares e legislativas, a sociedade capitalista em uma sociedade socialista. Também existe uma terceira tendência que aceita tanto a tática reformista como a revolucionária, segundo as circunstâncias. A primeira tendência pertencem os libertários e os anarco-sindicalistas; às segunda e terceira os marxistas de todas as escolas. A social-democracia alemã e os social-democratas de todos os países representam a ala moderada, os bolchevistas a ala radical do marxismo.

Depois da primeira guerra mundial, os socialistas tiveram a oportunidade de realizar as suas idéias. Os bolchevistas russos e os social-democratas alemães galgaram o poder em virtude de revoluções populares. Os idéias socialistas se condensaram em fórmulas concretas e as teorias começaram a se pôr em prática. Os governantes social-democratas e os bolchevistas elaboraram novas constituições e leis. Os bolchevistas russos pretendiam realizar uma obra completamente inovadora, estabelecendo a propriedade estatal da terra e dos meios de produção, no lugar da propriedade privada. Os social-democratas alemães limitaram-se a promulgar uma constituição democrática e a fixar garantias legais para o direito de organização e de greve, ampliando a legislação social em vigor. Nos anos posteriores, os partidos operários chegaram ao poder em alguns outros países, por meio de vitórias eleitorais. Em nenhum deles, porém, se atreveram a transformar o sistema capitalista em um sistema socialista. Limitaram-se a elaborar leis destinadas a promover o progresso social dentro da sociedade capitalista. O Partido Laborista da Gran Bretanha tomou um caminho «sui generis», criando uma legislação de seguro social que compreende a nação inteira e adotando ao mesmo tempo uma decisão parlamentar em virtude da qual o Estado adquiriu as grandes propriedades privadas, como o Banco da Inglaterra, as minas, as estradas de ferro e outras importantes indústrias, substituindo, assim, em grande parte, o capitalismo privado pelo capitalismo estatal.

Estas medidas tiveram como consequência uma certa alteração estrutural do Estado e da economia. O Estado liberal do século passado deixou de existir. Seu sucedâneo mo-

derno é como se fosse um empresário econômico e comercial, assim como que uma organização de seguro social. A legislação social também foi adotada no clássico país do capitalismo privado, nos Estados Unidos, onde, sob a presidência de Roosevelt, se legislou sobre indenizações estatais aos trabalhadores, em casos de doenças, velhice e desocupação. E' assim como certas reivindicações socialistas do século passado foram realizadas dentro do regime do capitalismo privado. As injustiças mais flagrantes foram atenuadas, o que tinha que dar como resultado que o descontentamento de certas camadas sociais também viesse a diminuir. Entre os defensores do capitalismo há elementos inteligentes que sabem dirigir o barco social com a habilidade de um piloto experimentado que sabe evitar os escolhos e as rochas perigosas e conduzi-lo para as águas tranquilas da evolução pacífica. Graças a essa habilidade de manobra conseguiram manter o sistema de capitalismo privado, cujo alicerce ainda não estão profundamente abalados, não obstante as guerras e revoluções até hoje ocorridas.

Esse estado de coisas tinha que produzir forçosamente certas repercussões na mentalidade dos povos, criando determinadas disposições psicológicas na classe trabalhadora. O evangelho socialista perdeu grande parte do seu poder de sugestão. A situação político-social existente nos países orientais da Europa, com as suas chamadas «democracias populares» e o seu capitalismo estatal, que oprime e explora as massas mais que o capitalismo privado, muito contribuiu para desacreditar a ideologia socialista em geral.

O sistema do capitalismo estatal criou uma ideologia totalitária que não permite qualquer oposição. Os sistemas de opressão e repressão são de uma brutalidade quase sem precedentes. Além disso, deu lugar a uma categoria de ilotas estatais, tal como na antiga Espanha. O abismo psicológico entre o Oriente e o Ocidente se alarga cada vez mais. A juventude da União Soviética não sabe o que é a liberdade; e as novas gerações dos países «democráticos populares» também não têm oportunidade de formar uma concepção da liberdade individual, educadas, como são, num espírito de submissão ao Estado nacionalista. A liberdade presenteadada não pode ter valor nem consistência e só as liberdades conquistadas pelo esforço consciente e voluntário realizam a dignidade do indivíduo.

Nos países ocidentais, onde o Estado apenas controla uma parte da economia, a mentalidade popular ainda não está inteiramente fundida

no molde estatal; ainda há, felizmente, certa independência de critério. Os trabalhadores aceitam as vantagens do seguro social, porém, geralmente, não se sentem submetidos perante o Estado patrão. Não vacilam em se declarar em greve contra o mesmo quando seus interesses de produtores assim o exigem, coisa inimaginável nos países totalitários, tanto pelas razões de forças estatal, como pelos resultados de uma escravidão voluntária, consequência, por sua vez, de uma educação toda especial. Nos últimos tempos, os funcionários estatais na França, declararam freqüentes greves, assim como também os estivadores de Londres, não obstante a hostilidade do governo laborista contra essa medida. Nos Estados Unidos, a luta dos trabalhadores nos vigamentos de aço conduzida com o fim de conquistar pensão para a velhice, é um fato também sintomático. A pensão para a velhice constitui uma parte do programa do socialismo reformista. Não obstante, o movimento sindical é, na sua maioria, contrário a toda a idéia de estabelecer um regime socialista, limitando-se a lutar para obter melhores condições de vida dentro do capitalismo.

Todas essas lutas demonstram que os trabalhadores dos países ocidentais têm mais possibilidades de adquirir vantagens sociais que os seus irmãos de classe nos países das chamadas democracias populares do leste europeu.

As conclusões que desses fatos se derivam, são claras: A transformação da propriedade privada em propriedade estatal não elimina a exploração capitalista; o capitalismo estatal não proporciona aos trabalhadores melhores condições de vida, em comparação com o capitalismo privado. O antagonismo de classes, a existência de exploradores e explorados, é manifesta sob ambos regimes. O capitalismo estatal não fornece aos trabalhadores melhorias econômicas e ainda os priva de uma relativa liberdade de ação. Isto é uma prova flagrante de que a liberdade e o bem estar formam um conjunto indivisível: uma não pode existir sem o outro.

Como consequência das más condições econômicas e da opressão política reinante nas «democracias populares», observa-se certo pessimismo nos ambientes do movimento social proletário. Em ainda recentes eleições parlamentares na Áustria, Alemanha e Noruega foram terríveis derrotas para os bolchevistas. Os social-democratas conseguiram manter sua posição devido ao seu programa simplesmente reformista, que oferece vantagens inclusive à classe

Um 1.º de Maio no Oiapoque

As estrofes rebeldes da Internacional foram entoadas naquelas selvas bravias pelos nossos torturados camaradas, para lá deportados em 1924

«Além, muito além de Clevelandia, desce, rodeado de exuberantes selvas, o Igarapé a que a grotesca mentalidade dos creoulos da terra denominou Ciparini.

Muito acima de sua foz, no Oiapoque, está localizado, no lote 14, o nosso infatigável camarada José Nascimento, ex-secretário da Construção Civil do Rio de Janeiro e um dos professores de esperanto do Gru-

po Renovação (Theatro e Musica), fundado e orientado por elementos anarquistas.

Nascimento, figura da coragem resignada, devoção ao trabalho e à luta, logo que montou sua tenda, fundou uma escola. Ele se propôs desalfabetizar todos os filhos dos agricultores situados nas margens do Ciparini. E ali, incansável, apesar dos seus quarenta e tantos anos, curvado durante o dia na rude, mas bela e honrosa lide de produtor, sem camisa, orgulhoso de si mesmo, como a desafiar as intempéries desta região, ele, de enchada na mão, fe-cunda a mãe natura, para ensinar aos nativos as vantagens da cultura científica. De noite, de cabana em cabana, ele leva aos analfabetos o ensino mental de que tanto precisam.

Foi ali, neste virgem recanto terráqueo, às margens do magnífico Ciparini, que no dia 1.º de Maio de 1925, nos reunimos, Biofilo Pan-clastra, Domingos Braz, Antonio Salgado, Manoel Gomes, Manoel Parada, Antonio Alves da Costa eu e uns tres ou quatro infelizes, de quem esta sociedade fez ladrões, e alguns colonos locais, para realizar a sessão de protesto do proletariado contra a exploração capitalista e estatal.

Com que ardor e entusiasmo foram cantados a Internacional e Filhos do Povo! Com que vontade e sinceridade foram pregadas as máximas de liberdade e fraternidade ideal e progresso.

A tarde ia morrendo quando as últimas estrofes do 1.º de Maio re-boavam ainda entre as frondosas e seculares árvores dos arredores.

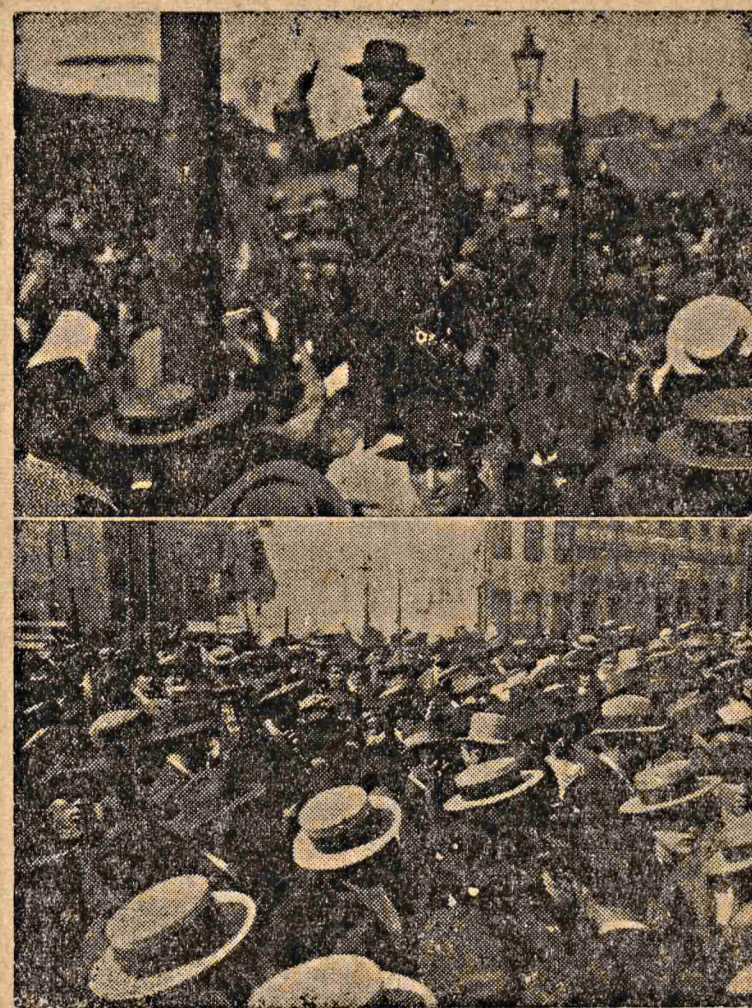
Do alto da elevação, onde se acha situada a cabana, descortina-se a perder de vista a exuberante floresta.

Helios dourava com seus efervescentes raios as nuvens que, em reboada, corriam no espaço. O dia como que fugindo às trevas invasoras, sumia-se em direção ao poente.

Torquato, um dos colonos presentes à reunião, como que tocado pela poesia da natureza, tal qual Loredano, de José de Alencar, disparou o rifle em direção à mata.

Saimos todos em direção às nossas tocas. Sentiamo-nos tonificados pelos resultados de uma expansão traz às almas idealista.»

(Trecho de uma carta publicada pela «A Plebe», em 26 de fevereiro de 1926) pelo então militante libertário Domingos Passos. No Oiapoque, pareceram Pedro A. Mota, Nino Martins, Nicolau Parada, José Fernandes Parada e José Alves Fernandes, acima citado).



Antes da corrupção dos pelegos, da politicagem, do ministerialismo e do bolchevismo — o proletariado consciente comemorava o 1.º de Maio em comícios como este, realizado no então largo da Sé.